

ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA
ROSA ELIZABETH ACEVEDO MARIN
ERIKI ALEIXO DE MELO

PANDEMIA E TERRITÓRIO

2020

CONSELHO EDITORIAL

Otávio Velho – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Dina Picotti – Universidade Nacional de General Sarmiento, Argentina

Henri Acserald – IPPUR –UFRJ, Brasil

Charles Hale – University of Texas at Austin, Estados Unidos

João Pacheco de Oliveira – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Rosa Elizabeth Acevedo Marin – NAEA/UFPA, Brasil

José Sérgio Leite Lopes – PPGA-MNU/UFRJ, Brasil

Aurélio Vianna – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Brasil

Sérgio Costa – LAI FU, Berlim, Alemanha

Alfredo Wagner Berno de Almeida – UEMA/UEA, Brasil

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Pizarro – Professora do Doutorado em Estudos Americanos Instituto de
Estudios Avanzados – Universidad de Santiago de Chile

Claudia Patricia Puerta Silva – Professora Associada – Departamento de
Antropologia – Facultad de Ciências Sociales y Humanas – Universidad de
Antioquia

Zulay Poggi – Professora do Centro de Estudios de Desarrollo – CENDES–
Universidad Central de Venezuela

Maria Backhouse – Professora de Sociologia – Institut für Soziologie –
FriedrichSchiller-Universitätjena

Jesús Alfonso Flórez López – Universidad Autónoma de Occidente de Cali -
Colombia

Roberto Malighetti – Professor de Antropologia Cultural – Departamento
de Ciências Humanas e Educação “R. Massa” – Università degli Studi de
Milano-
Bicocca

Copyright© Autores

Equipe de organização e edição:

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Eriki Aleixo de Melo

Capa: Phillippe Teixeira

Diagramação: Phillippe Teixeira

ISBN Impresso: 978-65-00-05792-8

ISBN E-book: 978-65-00-05793-5

Ficha catalográfica:

P189 Pandemia e Território / Organizado por Alfredo Wagner Berno de Almeida. Rosa Elizabeth Acevedo Marin. Eriki Aleixo de Melo. – São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020.

1226 p.:il.

ISBN Impresso: 978-65-00-05792-8

ISBN E-book: 978-65-00-05793-5

1. Pandemia. 2. Território. 3. Povos e comunidades tradicionais. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. III. Melo, Eriki Aleixo de. IV. Título.

CDU 316 + 614.4

Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia –
Universidade Estadual do Maranhão (PPGCSPA/UEMA)

Cidade Universitária Paulo VI – Caixa Postal 09 – São Luís/MA. Fone (98)
3245-5461 Fax (98) 3245-5882

O NOVO CORONAVÍRUS A KUTIPA/KANUPARITA DOS POVOS INDÍGENAS NO SÉCULO XXI

Altaci Corrêa Rubim²²⁷

Introdução

No século XVI, quando os colonizadores chegaram às Américas encontraram milhões de indígenas. Ao final desse mesmo século, ocorreu uma drástica redução desse número, que chegou a dois milhões. Os colonizadores dizimaram línguas, culturas e milhões de vidas. As vidas dos povos indígenas foram tiradas por meio de conflitos, mas, principalmente, por doenças trazidas por esses colonizadores. Atualmente, estamos vivenciando a chegada de uma nova doença às nossas aldeias levadas por não indígenas, a covid-19, causada pelo novo coronavírus. Os povos indígenas tentam se proteger com seus saberes tradicionais, lutando contra o governo e o poder das igrejas em seus territórios. Para o povo Kokama, a kutipa/kanuparita não é saúde e nem doença. Essa é uma palavra que não tem tradução na língua portuguesa, mas expressa um estágio de contaminação do corpo porque o espírito está fraco. Caso a kutipa/kanuparita não seja retirada, a pessoa ficará doente. Nessa perspectiva, apresentaremos o caso dos Kokama com o novo coronavírus, a kutipa/kanuparita dos povos indígenas no século XXI e o silêncio do Estado como política de apagamento da identidade dos indígenas na cidade.

Em viagem pelo Amazonas, Charles-Marie de la Condamine relatava que os indígenas que chegavam aos fortes ou às missões eram os mais afetados pela epidemia da varíola. O viajante Paul Marcoy relata que, em São Paulo de Olivença, no Amazonas, crianças, idosos, jovens dos povos Ticunas

227. Professora Doutora em Linguística pelo PPGL/IL/UnB. Professora Adjunta do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP/UnB; altacirubim2017@gmail.com; Orcid: 0000-0024732-6628.

e Omagua morriam às dezenas. Assim, diminuía drasticamente a população desses povos. Para aumentar o número de indígenas na missão de São Paulo de Olivença, os clérigos foram buscar os Kokama, Juri, Ticuna e Mayoruna.

É sabido que a presença religiosa nas aldeias começa desde a colonização, que ocasionou o extermínio de povos e suas culturas. Depois da chegada dos colonizadores, as epidemias tornaram-se frequentes na vida das populações indígenas. As doenças alteraram e alteram o cotidiano da vida e da cultura de cada povo. As populações indígenas estão sempre à mercê de sua própria sorte para sobreviver às terríveis doenças. Nos dias atuais, o panorama político não é favorável aos povos indígenas. As medidas enviadas pelo Ministério Público Federal (MPF) à Fundação Nacional do Índio (Funai) pouco têm efeito.

Este artigo (i) apresenta o povo Kokama no Amazonas, (ii) faz um breve histórico das epidemias que atingiram os indígenas, (iii) relata os primeiros casos de indígenas com a doença covid-19 na região amazônica, (iv) relata as mortes de familiares do povo Kokama da comunidade Nova Esperança de Manaus e (v) descreve o que é a Kutipa/Kanuparita.

O povo Kokama

Há registros do povo Kokama desde o século XVI por viajantes, naturalistas e religiosos. Trata-se de um povo que habita a Amazônia brasileira, peruana e colombiana. Exímios pescadores, por viverem às margens dos rios, foram os primeiros a manter contato com os colonizadores.

O povo Kokama possui dezessete Terras Indígenas (TIs), sendo quinze delas terras tradicionalmente ocupadas e duas Terras Dominais indígenas — terras de propriedade das comunidades, havidas, por qualquer das formas de aquisição do domínio, nos termos da legislação civil.

A língua Kokama é do “tronco linguístico Tupi, da família Tupi Guarani, subgrupo III” (RODRIGUES, 1984/85, p. 33). É uma das línguas indígenas ameaçadas de extinção. Nesse sentido, a política linguística do povo consiste na vitalização da língua por meio de várias iniciativas, como encontros, assembleias, oficinas que discutem a política de produção de materiais didáticos físicos e digitais, aplicativos, cursos da língua Kokama via mídias sociais (WhatsApp e Telegram), entre outros.

Os encontros também servem para discutir a defesa dos territórios Kokama, a educação escolar diferenciada, a saúde e o bem-viver do povo. A maioria das TIs está sendo invadida, principalmente por garimpeiros e madeireiros. Isso causa a contaminação das águas e dos peixes, além de levar a morte para o ambiente e para os indígenas.

Breve histórico das epidemias

Desde o final do século XVIII até o século XIX, as epidemias alcançaram os povos indígenas do Pará. Para Romero Sá (2008), a varíola foi a doença que mais causou danos nesse período da colonização, ceifando a vida de milhares de indígenas. No século XVII, a epidemia da varíola estava concentrada na região amazônica, levando à morte os povos indígenas que estavam em suas aldeias. Casos da epidemia que devastava missões e aldeias foram registrados por viajantes e religiosos.

A missão de São Paulo de Olivença foi um dos aldeamentos indígenas afetados pela epidemia que causou a morte de inúmeros povos, como os Ticuna, Kambeba, Kokama e demais povos que não conseguiram chegar ao século XXI. Os indígenas que conseguiram sobreviver encontraram suas próprias formas de evitar a contaminação.

As doenças de maior poder de destruição que chegaram aos Ticuna, a partir do sec. XVII, foram introduzidas pelos conquistadores. A varíola parece ter atingido especialmente as tribos do Alto Solimões em diversos momentos, sendo que para algumas a transmissão teria ocorrido pelo contato indireto, como no caso da epidemia que atingiu os Omágua em 1649, e que certamente causou baixas entre os Ticuna. Em 1870, também uma epidemia de varíola causou intensa depopulação no Igarapé da Rita (NIMUENDAJÚ, 1952 apud ERTHAL, 1998, p. 150).

Esses registros documentam a chegada dessas doenças levadas pelo colonizador, pelos comerciantes e por religiosos que estavam em contato com os indígenas. Estes ficavam à mercê de toda sorte de doenças “devido [a] um alto consumo de cachaça, estimulado pelo padrão seringalista, e [à] presença do purupurú preto (doença de pele denominada “pinta”, causada pelo *Spirochaeta pinta*) na mesma região” (ERTHAL, 1998, p. 151).

Os órgãos do governo e o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) não estavam preocupados e não conseguiam controlar a chegada de não-indígenas às áreas indígenas e a busca incessante de mão de obra. Hoje não é diferente. A política do governo é de extermínio dos povos indígenas. O discurso de ódio do atual presidente, que libera a entrada de invasores, garimpeiros, posseiros, pescadores de grande porte e madeireiros às terras indígenas, deixa claro que a economia e o lucro estão à frente da vida.

Em plena pandemia, apesar da orientação do MPF ao presidente da Funai para anular a portaria que permite a grilagem das terras indígenas, a mineração avança na Amazônia, principalmente nos territórios indígenas. Por terem o apoio do governo, os garimpeiros são violentos com os povos indígenas, tratando-os como invasores dentro de seu próprio território.

Assim, além de saquearem as riquezas das TIs, garimpeiros levam doenças às aldeias mais distantes. Nesse sentido, o Covid-19 chegou aos indígenas do interior do Amazonas e das cidades.

Os primeiros casos de indígenas com a doença Covid-19 na região amazônica

O município de Santo Antônio do Içá, com 32 mil habitantes, está localizado no interior do estado do Amazonas, no alto Rio Solimões, a 878 km de Manaus. Nesse município, encontram-se duas Terras Indígenas Kokama, Lago do Correio e São José/São Gabriel. Foi na aldeia de São José que ocorreu o primeiro caso de contaminação de indígena com a doença Covid-19²²⁸ no Brasil.

Trata-se de uma agente de saúde indígena, de vinte anos, que, ao auxiliar o médico em sua aldeia, foi contaminada. O médico, do Distrito de Saúde Indígena-DSEI do Alto Solimões, chegou à aldeia vindo de um evento no sul do país. Ele não sabia que estava contaminado, foi às aldeias e atendeu mais de oitenta indígenas Kokama e Ticuna. Uma displicência quase fatal, em meio à pandemia, mas apenas uma indígena Kokama foi contaminada no primeiro momento. Ela teve contato com mais sete membros de sua família, que fizeram exame; seis tiveram resultado negativo para o coronavírus, mas a sua mãe testou positivo para a doença. Um outro Kokama foi contaminado, um agente de saúde, que também teve contato com o médico.

Em Santo Antônio do Içá foram confirmados dez casos da covid-19, três indígenas e sete não-indígenas no mês de março. Os portos estavam fechados, ninguém saía ou entrava nesse município. Quase toda manhã, saía um decreto municipal para impedir a circulação das pessoas pela cidade. A rádio de Santo Antônio do Içá abriu espaço para os médicos falarem sobre a importância da prevenção, uma vez que nessa cidade, e em todas as cidades

228. 'O acrônimo representa a expressão inglesa coronavirus disease – formado pelos elementos truncados CO- e -VI-, sílabas extraídas do inglês coronavirus, a que se junta a inicial D do vocábulo também inglês disease («doença»). O algarismo final, separado por um hífen, indica o ano em que o vírus foi identificado. O uso generalizado do termo impôs a grafia em minúsculas: «[o vírus d]a covid-19»/«a [doença, pandemia] covid-19». E há os números da Covid (confirmados, suspeitos, mortes e recuperados): em Portugal e no Mundo.' in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/o-lexico-da-covid-19/4059> [consultado em 23-05-2020]".

do interior do Amazonas, não há equipamentos e hospitais para atender os casos mais graves da doença. O sistema de saúde na capital do estado já entrou em colapso.

Nesse sentido, os indígenas que faziam tratamento em Manaus em hospital público foram contaminados pela doença covid-19 e morreram. É o caso do ancião Ticuna do município de Tabatinga e de uma Kokama do município de São Paulo de Olivença, da aldeia Kokama de Monte Santo, todos do interior do Amazonas. Eles estavam internados no hospital Delphina Aziz e no Pronto-Socorro 28 de Agosto.

A mulher Kokama (44 anos) estava fazendo tratamento de uma doença autoimune e foi acometida no hospital Pronto-Socorro 28 de Agosto pelo Covid-19, vindo a falecer de insuficiência respiratória. O ancião Ticuna 78a, de Belém do Solimões, estava em tratamento de problemas cardíacos no hospital Delphina Aziz. Durante o tratamento, ele testou positivo para o novo coronavírus e veio a óbito. As mortes foram registradas pelo D-SEI do Alto Solimões.

Em abril, segundo dados da SESAI, os casos da covid-19 entre os indígenas saltaram em 744% em pouco mais de uma semana no país. Ratificando esses dados, no final do mês de abril e início do mês de maio, o número de indígenas contaminados aumentou em todo o estado do Amazonas. Vieram a óbito sete Kokamas da família Galvão em Manaus, vítimas da covid-19. Nesse período, também faleceu o cantor, o músico Kokama José Conceição de Souza Cajueiro, que passou catorze dias com febre e falta de apetite, ficou com falta de ar e veio a óbito no dia três de maio. No atestado de óbito, ficou registrada a causa da morte por virose e coração. Faleceu também dona Hena Kokama, em Manaus, totalizando nove Kokamas.

João Carvalho Alcantra (Tariano) e mais quatro indígenas Tukano da comunidade São João no Alto Rio Negro vieram a óbito. Mas os dados

apresentados pelos órgãos da saúde não condizem com a realidade de óbitos entre os povos indígenas.

Em Tabatinga, da Aldeia Sapotal, foram três mortos da família Samias; um da família Tananta; um da família Sammp; e uma da família Moura, que era de Sapotal, mas morreu em Manaus, totalizando seis óbitos. O povo Kokama pede socorro porque há mais idosos com a doença. Além de total descaso, o povo ainda luta para ser registrado como indígena pelas autoridades de saúde. Um preconceito institucional sofrido por vários povos do Alto Solimões, principalmente pelos Kokama²²⁹.

O professor Aldenor Basques Felix (povo Ticuna da aldeia Wochimaucu de Manaus) não conseguiu fazer o teste para covid-19, mas veio a óbito com todos os sintomas dessa doença. Nessa comunidade, há 17 famílias, 115 pessoas, sendo que há 20 pessoas com sintomas da doença.

Outros Ticuna vieram a óbito em Tabatinga. A senhora Butü Üna (63 anos), da aldeia Umariáçu, e o médico Cleubi Ticuna, formado pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Esses são alguns casos que estão sendo divulgados, mas não contabilizados, principalmente da capital do estado do Amazonas. Os indígenas que estão nas cidades são invisibilizados por políticas de apagamento da identidade indígena nas cidades. A política do silêncio torna-se eficaz ao não contabilizar o número real de indígenas na cidade.

Há uma violência mais insidiosa e eficaz: a do silêncio. E o poder, além de silenciar, também se exerce acompanhado desse silêncio. Este, por sua vez, numa sociedade como a nossa, se legitima em função do amor à pátria e da crença na responsabilidade do cidadão (ORLANDI, 2008, p. 65).

229. Vale ressaltar que no dia 14 de maio de 2020, O Hospital Militar de Tabatinga-HMUT, atendendo as recomendações do Ministério Público Federal-MPF, fez as ressalvas na Declaração de Óbito de Marilene da Cruz Soares, como indígena do povo Kokama. Nesse sentido, a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho tem como público os povos tribais e indígenas, mas o critério fundamental para determinar esses grupos é a consciência de sua própria identidade.

O Estado produz um discurso que corrobora com o genocídio dos indígenas no século XXI. Ele ignora toda iniciativa de resistência dos agentes sociais indígenas, tentando acabar com a existência dos indígenas “e, quando digo Estado, digo, o Estado Brasileiro do Branco. Estado este que silencia a existência do índio enquanto sua parte e componente da cultura brasileira” (ORLANDI, 2008, p. 66).

Atualmente, o silêncio não é apenas para desaparecer com a cultura da memória do povo brasileiro, mas apagar a própria existência do indígena. Para Orlandi (2008) há três tipos de silêncio: o silêncio constitutivo, o silêncio local e o silêncio fundador. O primeiro é o não dito, a parte que se sacrifica ao silenciar; o segundo é o silêncio produzido por medidas inibidoras como uma forma de regime político ou uma forma de regime de uma sociedade específica; e o último é o silêncio fundador, é ele que determina a política do silêncio, o não dizer faz um sentido determinado.

No texto “Silêncio e sentido”, a autora relata a fala registrada pelos colonizadores ao silenciar as palavras dos indígenas, ressaltando a fala do europeu na história contada por meio de sua própria visão social, deixando o registro da memória indígena na visão do europeu. O silêncio trabalha para camuflar as diferentes formas de poder que dominam os excluídos.

Trata-se do silêncio do Estado diante das mortes de indígenas que defendem seus territórios, diante das terras indígenas invadidas pelos madeireiros e pelas mineradoras. Enfim, o silêncio diante de tantas atrocidades que ocorrem com os povos indígenas e outros excluídos.

Estamos, no século XXI, vivenciando uma epidemia que os antigos vivenciaram. O registro feito por viajantes, naturalistas e religiosos expressa o silêncio de cada povo diante dessas pandemias, da doença trazida pelos dominadores, colonizadores, não indígenas. O que estamos vivendo hoje é, mais uma vez, o alerta para a dizimação de uma parte dos povos indígenas, como ocorreu com epidemias de sarampo, tifo, caxumba, varíola, entre

outras. A diferença entre o passado e o presente é que a doença covid-19 não ameaça apenas os indígenas, mas todos. Não há remédio conhecido, é uma doença de branco, que mata e ameaça a vida de todos os humanos do planeta.

Comunidade Nova Esperança Kokama

A comunidade Nova Esperança Kokama,²³⁰ Terra Dominial,²³¹ está localizada no ramal do Brasileirinho no Km-08, ramal-08. Lá residem dezenove famílias, num total de 73 pessoas. A cacique da comunidade foi a primeira a ser contaminada pela doença covid-19, depois vieram outros casos.

A cacique foi contaminada com essa doença, mas não sabemos como. A aldeia estava fechada. Tinha apenas uma moradora daqui que trabalha em casa de família, lá fora da aldeia. Ela toda vez que chega do trabalho, fala com a cacique. Nós desconfiamos que seja ela quem trouxe o vírus para a comunidade. A nossa luta maior foi conseguir um médico, mas graças a Deus conseguimos (SANTOS, 2020).²³²

Depois de muitas lutas, conseguiram o apoio da Cruz Vermelha e do médico da Unidade Básica de Saúde da Cidade de Deus. Assim, conseguiram evitar o pior dentro da comunidade. A cacique e os demais contaminados conseguiram se recuperar. Entretanto, familiares dos Kokama, com o sobrenome Galvão, que residem nos bairros de Manaus (Mauazinho, Jorge Teixeira, João Paulo e Compensa) vieram a óbito.

230. Em processo de reconhecimento pela FUNAI.

231. Terras Dominiais: são as terras de propriedade das comunidades indígenas, havidas, por qualquer das formas de aquisição do domínio, nos termos da legislação civil. Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/>

232. Entrevista realizada por telefone, no dia 20 de abril de 2020. Jardeline Santos é professora da Aldeia e Vice-presidente da Associação dos Indígenas Kokama residentes em Manaus.

A família Galvão Kokama perdeu sete membros. Dona Anastácia Marinho Rodrigues, uma anciã que contribuiu com a organização dos Kokama em Manaus, veio a óbito em Autazes. Todos morreram com a doença covid-19, um total descaso pela vida dos povos indígenas em meio à pandemia no Amazonas. Até o fechamento desse artigo, já faleceram mais de trinta Kokama no estado do Amazonas (ver tabela a seguir).

As organizações indígenas denunciaram, mas não conseguiram a atenção da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), das Casas de Apoio a Saúde Indígena (CASAI) e das Unidades Básicas de Saúde Indígena (UBSI) para atender os indígenas que residem nas cidades.

Cada povo busca, em seus conhecimentos tradicionais, uma maneira para combater esse novo coronavírus. Os Kokama encontram o caminho por meio do resguardo da Kutipa/Kanuparita.

Kutipa/Kanuparita

Kutipa é uma palavra em Quetchua, e Kanuparita é uma palavra em Kokama, ambas sem tradução na língua portuguesa. Muitos Kokama utilizam Kutipa/Kanuparita para se referir aos sintomas de algumas doenças. Por exemplo, se o pai de uma criança recém-nascida não respeita o resguardo do filho, a criança fica Kutipada e, se não for curada por meio de um *ikaru* (canto, reza), ficará doente e pode morrer. Ressalta-se que, “[n]a cosmovisão Kokama o conceito de saúde e doença tem haver com o equilíbrio entre os mundos espiritual e material” (ROSSI; RUBIM, 2018, p. 68).

É interessante falar de Kutipa/Kanuparita em meio à pandemia. Os sintomas da covid-19 são a Kutipa/Kanuparita, o sinal de que o corpo precisa de ajuda para ficar curado, senão adoecerá e morrerá. O corpo fica

doente porque o espírito está fraco. O espírito está fraco porque já não se fazem certas dietas nas aldeias; os pajés não são mais chamados para utilizar seu poder de cura; e chás, banhos e garrafadas estão sendo substituídos por remédios alopáticos.

Para o povo Kokama, não é apenas o corpo que fica doente, mas também o espírito. Ambos precisam de dieta para ficar sãos. O novo coronavírus pertence a uma família de vírus que causa síndromes respiratórias. Ele chegou e encontrou alguns Kokama fracos, assim como outros povos.

A doença ainda não tem cura, mas há prevenção, cuidados higiênicos para evitar a transmissão do vírus de pessoa para pessoa. Como em muitas dietas da cura da Kutipa/Kanuparita, é de suma importância que se resguarde em casa o tempo necessário até a Kutipa ir embora. Mas, para ela sair, é necessário ter muitos cuidados. No caso da covid-19, são essenciais os cuidados com a higiene pessoal e o isolamento social.

Os anciãos, pajés, parteiras, entre outros agentes de saberes tradicionais, conhecem dietas físicas e espirituais com a utilização de diversos chás. Muitas vezes, entretanto, esses conhecimentos são deixados de lado, pois o discurso do ancião e dos demais citados disputa espaço com o discurso do Governo Federal, via mídias sociais (WhatsApp e Telegram), e com o discurso das igrejas neopentecostais.

O amor a Deus, pelo qual o poder assegura a submissão do homem medieval, é substituído, na sociedade capitalista, pelo amor à pátria, dever do cidadão. Embora se instalem essas diferenças no desenvolvimento da história, tanto o poder religioso como o político se exercem pelo amor e pela crença. Estes são o suporte da autoridade (ORLANDI, 2008, p. 65).

Nessa perspectiva, não é apenas por meio das diferentes violências, física ou verbal, que o governo e as igrejas conseguem a submissão de cidadãos e de membros de comunidades. Mas por meio do discurso pelo amor à pátria e pelo amor a Deus. Para o curandeiro Pedro Pereira, “hoje não podemos fazer muitos remédios, as pessoas não acreditam mais no nosso conhecimento, uns ouvem mais os médicos, outros mais as igrejas”.²³³

Dessa maneira, o novo coronavírus é mais perigoso que a Kutipa/Kanuparita no século XXI, pois chega às aldeias silenciosamente fazendo suas vítimas. Agora, não são somente as línguas, os saberes e as culturas que correm risco de extinção, mas os próprios povos indígenas. Como ocorreu no passado, a tentativa de prevenção da varíola entre os povos indígenas não deu certo, não evitou o alastramento da doença entre os povos. O mesmo ocorre com a prevenção da covid-19.

São muitos discursos (governo) e muitas falas (igrejas promovendo aglomeração) que não somam com uma política de prevenção. Até porque, dentro das aldeias, muitas famílias moram em uma única casa, vivendo o cotidiano da cultura, e, com certeza, não ficam confinadas em isolamento social.

Em vez de o governo utilizar as mídias sociais para realizar campanhas de sensibilização contra a covid-19, ele incentiva o rompimento do isolamento social. As igrejas que o apoiam cumprem o mesmo papel “várias igrejas nas aldeias estão realizando cultos e amontoando as pessoas. Vários pastores ficam insistindo para haver aglomeração”.²³⁴ A exemplo, temos a comemoração do dia das mães numa igreja neopentecostal na aldeia Feijoal,

233. Pedro Pereira (95 anos), morreu no final do ano passado. Em entrevista sobre a vitalização da língua Kokama, ele falou que poucas pessoas o procuravam para curar suas crianças. Ninguém mais queria aprender a curar as pessoas por meio dos conhecimentos tradicionais. A maioria das pessoas de sua família estavam na igreja. Ele faleceu sem passar seus conhecimentos tradicionais. Entrevista realizada no Bairro da Independência, 20 de julho de 2017, em Santo Antônio do Içá - AM.

234. MENDES, Mislene Metchacuna, antropóloga Ticuna. As vozes da Re-existência na Pandemia. WhatsApp, 7 de maio de 2020, 21:20. 1 vídeo de WhatsApp. Benjamin Constant - AM, cidade do Alto Rio Solimões. Observatório da Violência de Gênero no Amazonas. Universidade Federal do Amazonas.

Ticuna, no Alto Solimões, em Benjamin Constant -AM. A manchete do “Jornal Extra” estampa essa realidade: “Pastor e professor indígena reúnem fiéis sem máscara em culto no Amazonas: ‘Não existe mais coronavírus, gente. Nós vencemos’”.²³⁵

O Dsei de Alto Solimões é disparado o distrito com o maior número de casos (100) e também o de óbitos (13), em sua maioria indígenas Kokama e Ticuna. Logo depois estão Manaus (29), Parintins (20), Ceará (17), Yanomami (14) e Leste Roraima (9).²³⁶ Esses dados não condizem com os óbitos desses povos, principalmente com os dados de óbitos do povo Kokama (ver tabela a seguir). O silenciamento do Estado em registrar os indígenas, apesar de toda a legislação específica que os assiste, é proposital, é consciente, é uma tentativa, mais uma vez, de apagamento dos povos indígenas da história do país.

Assim, nossos agentes de saberes tradicionais vão partindo, um por um, homens, mulheres, jovens e crianças dos respectivos povos da Amazônia Brasileira e da América Latina. Diante do exposto, segue o quadro de óbitos dos Kokama, as principais vítimas são anciãos e anciãs. Nesse sentido, estão perdendo parteiras, tocadores, rezadores, benzedores, roceiros e roceiras, fazedores de instrumentos tradicionais de música, banco, kuraka, cacique, sábios, contadores de histórias, curandeiros, canoeiros, artesãos, pegadores de ossos, pajés, pescadores, professores, falantes da língua Kokama, fazedores de tarrafas e malhadeiras, agentes de saberes tradicionais, conhecedores da cultura de seus ancestrais. A dor da perda é imensurável para o povo Kokama no Brasil. Diante do exposto, o povo Kokama e os demais povos indígenas clamam por justiça.

235. Segundo relatado pelo jornal e também por membros de famílias (denúncia feita via mídias sociais) que perderam seus entes queridos pela Covid-19: um culto reuniu cerca de 40 pessoas nessa aldeia. Ninguém usava máscara, mas eram tranquilizados pelo pastor para não temer nada, pois o coronavírus tinha sido vencido pelo poder de Deus. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/coronavirus/video-pastor-professor-indigenas-reunem-fieis-sem-mascaras-em-culto-no-amazonas-nao-existe-mais-coronavirus-gente-nos-vencemos-24422736.html>>. Acesso: 20 mai. 2020.

236. Boletim epidemiológico da Sesai – Covid-19. Disponível em: <<http://www.saudeindigena.net.br/coronavirus/mapaEp.php>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Quadro 01: Óbitos do povo indígena Kokama pela doença covid-19²³⁷

Quant.	Kokama	Local de falecimento
		Período: abril-maio/2020
01	Acedino Kokama	São Paulo de Olivença
02	Abraão Marinho de Almeida	Manaus
03	Alzineide Carvalho de Almeida	Coari
04	Altamiro Peres Caldas	Tabatinga ²³⁸
05	Alcindo Alves de Carvalho (67 anos)	Manaus/Associação dos Indígenas Kokama residentes em Manaus
06	Anastácia Rodrigues Marinho	Comunidade Nova Esperança Kokama de Manaus/ Faleceu em Autazes
07	Augustinho Rodrigues Samias-(76 anos)	Sapotal/Tabatinga
08	Antônio Brandão Amarantes	Comunidade Nova Esperança Kokama /Manaus
09	Antônio Frazão Alves	Manaus
10	Antônio Gastão dos Santos (60 anos)	Manaus
11	Antônio Vela Sammp	Sapotal/Tabatinga
12	Antônio Castilho	Manaus
13	Anselmo Rodrigues Samias (59 anos)	Sapotal/Tabatinga
14	Alberto Guerra Samias	Sapotal/Tabatinga
15	Antonio Frazão Alves	Manaus
16	Carlos Vilcher de Assis	Tabatinga
17	Elci Vargas	Manaus
18	Enedina Alves de Carvalho (89 anos)	Manaus/Comunidade Nova Esperança Kokama

237. Dados das organizações indígenas Associação dos Indígenas Kokama de Manaus (AKIM) e da Federação Indígena do Povo Kokama de abril a maio de 2020.

238. Morreu em casa.

19	Francisco Peres Caldas (64 anos)	Tabatinga
20	Getúlio Marinho	Tonantins
21	Guilherme Cavalcante Pereira	Santo Antônio do Içá
22	Guilherme Padilha Samias	Tabatinga
23	Hena Pinto Rebelo	Manaus
24	Idelfonso Tananta de Souza (67 anos)	Sapotal/Tabatinga
25	José Conceição de Souza Cajueiro (79 anos)	Manaus/Aldeia Karuara
26	João Kokama	Tabatinga
27	José Lima dos Santos (95 anos)	Itacoatiara/Comunidade Nova Esperança Kokama
28	Jonas Sena Alves (72 anos)	Manaus/Associação dos Indígenas Kokama residentes em Manaus
29	Júlio Sebastião	Bairro Colônia/São Sebastião/São Paulo de Olivença
30	Lindalva de Souza Moura (76 anos)	Manaus
31	Lucildo Pedrosa da Costa	Aldeia Kauara/Manaus
32	Luiz Carlos Rogrigues Curico	Tabatinga
33	Maria Sumaita Moraes	Tabatinga
34	Maria Macedo	Benjamin Constant
35	Maria Gerônimo Souza ²³⁹	Benjamin Constant
36	Maria Bandeira de Souza	Tabatinga
37	Maria Pereira Moraes	Tabatinga
38	Maria Vargas Castelo Branco	Manaus
39	Marilene da Cruz Soares	Tabatinga
40	Marilene Rengifo Samias	Tabatinga
41	Marino Ferreira dos Santos (78 anos)	Manaus/Associação dos Indígenas Kokama residentes em Manaus
42	Messias Martins Moreira	Manaus
43	Norma dos Santos	Manaus
44	Otaviano Samias Btista	De Tabatinga/faleceu em Manaus
45	Ozebio Maricaua	Santo Antonio do Içá
46	Valmir Moraes Kokama	Tabatinga

47	Romulo Ramos dos Santos	Manaus
48	Sebastião Ferreira dos Santos (64 anos)	Manaus/Associação dos Indígenas Kokama residentes em Manaus
49	Severino Chauchari Samia	Tabatinga
50	Walter Alves de Carvalho (70 anos)	Manaus/Associação dos Indígenas Kokama residentes em Manaus
51	Tia Preta Kokama	Tabatinga
52	Vitor Curico	Tabatinga
53	Ziza Moreira Karaquia	Manaus
Total	53 óbitos	-

Considerações finais

Em todo o estado do Amazonas, a doença covid-19 chegou por via fluvial, com exceção de Tabatinga. Os recreios, as balsas e os jatos levam passageiros da capital do estado para as cidades do interior do Amazonas. Cada município buscou e busca sensibilizar indígenas e não-indígenas por meio das rádios locais, mas é difícil. O discurso do Governo Federal é forte, desarticulando as medidas de isolamento social.

O número de pessoas contaminadas e de óbitos aumenta, tanto na capital quanto no interior. Os hospitais do interior não estão preparados para atender os casos mais graves, e a capital do estado não consegue atender os casos da capital. Nesse sentido, o sistema de saúde do estado do Amazonas entrou em colapso: não há leitos, médicos, enfermeiros, remédios e testes suficientes para a verificação dos casos da covid-19 na população.

Muitos povos estão utilizando seus conhecimentos tradicionais, cumprindo uma dieta física e espiritual com chás, ikarus, entre outros. Mas a kutipa com o novo coronavírus requer mais cuidado, mais conhecimentos.

239. Reconhecida como indígena Kokama no hospital de Benjamin Constant. 19/05/2020

O discurso do pajé e dos anciãos de proteção disputa com os discursos da política genocida do governo e das igrejas, deixando o povo à mercê da sua própria sorte. Aqueles que conseguem tratamento na capital, como os casos dos indígenas Kokama e Ticuna, morrem nos hospitais públicos infectados por outras doenças.

O silenciamento e o apagamento da identidade indígena nos óbitos e nos casos de contaminação (dos indígenas que residem na cidade) refletem a política genocida do atual governo para os povos indígenas. A omissão do Estado revela o processo de exclusão a que os indígenas estão submetidos há séculos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Kátia. **Mais dois indígenas morrem por Covid-19 e Ministério da Saúde alerta para contágio dentro de hospitais de Manaus.** Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/mais-dois-indigenas-morrem-por-covid-19-e-ministerio-da-saude-alerta-para-contagio-dentro-de-hospitais-de-manaus/>>. Acesso em 15 abr. 2020.

CRIADO, Miguel Ángel. **Revelada a causa do misterioso ‘cocoliztli’, o mal que dizimou os índios das Américas.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/15/ciencia/1515997924_751783.html>. Acesso em 12 fev. 2020.

ERTHAL, Regina Maria de Carvalho. **O suicídio Ticuna na região do Alto Solimões - AM.** 1998. Tese [Doutorado em Saúde Pública] – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 1998. 279 p. Disponível em: <https://portaleses.icict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_chap&id=00002305&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 fev. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista/Discurso do confronto**: Velho e Novo Mundo. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

ROMERO SÁ, Magali. A “peste branca” nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 11, n. 4, suppl. p. 818-826, Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000500008>. Acesso em 15 abr. 2020.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia** 27/28:33-53.1984-1985. <<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16264>>. Acesso em 01 de jan.2020.

ROSSI, Ana H.; RUBIM, Altaci C. Traduzir Kutipa/Kanuparita para vitalizar a língua Kokama: um estudo de caso. **Coleidoscópio**: linguagem e tradução, Brasília, v. 2, n. 2, p. 48-73, jun.-dez 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/caleidoscopio/article/view/19997/18409>>. Acesso em 05 de maio de 2020.